

A Ação Pastoral de Dom Paulo Evaristo Arns à Luz da Conferência de Medellín

The Pastoral Action of Dom Paulo Evaristo Arns in the Light of the Medellín Conference

ANDERSON COSTA PEREIRA¹

DOI: <https://doi.org/10.23925/2764-8389.2022v2i1p136-157>

RESUMO: A Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (CELAM) realizou-se em Medellín, na Colômbia, entre 24 de agosto a 6 de setembro de 1968. Foi convocada pelo Papa Paulo VI para aplicar os ensinamentos do Concílio Vaticano II às necessidades da Igreja presente na América Latina. A temática central versou sobre “a presença da Igreja na atual transformação da América Latina, à luz do Concílio Vaticano II”. Porém, mais do que aplicar o Concílio à América Latina, o Episcopado do CELAM faz uma releitura do Vaticano II a partir do subcontinente, tocando em grandes temas sociais e eclesiais desta diversa realidade. Dom Paulo Evaristo Arns (1921-2016) é eleito Bispo após o Concílio e nomeado Arcebispo de São Paulo após Medellín. Nesse contexto, levanta-se o seguinte questionamento: *Qual modelo eclesial Dom Paulo Evaristo Arns implantou na Arquidiocese de São Paulo a partir das conclusões de Medellín?* Recupera-se os principais elementos históricos e teológicos desta Conferência, destacando sua recepção do Concílio Vaticano II e como fora traduzido para as Igrejas locais, aludindo ao episcopado de Dom Paulo Evaristo Arns.

PALAVRAS-CHAVE: Vaticano II. Medellín. Cardeal Arns.

ABSTRACT: The Second General Conference of the Latin American Episcopate (CELAM) was held in Medellín, Colombia, from August 24 to September 6, 1968. It was convened by Pope Paul VI to apply the teachings of the Second Vatican Council to the needs of the Church present in Latin America. The central theme was about “the presence of the Church in the current transformation of Latin America, in the light of the Second Vatican Council”. However, more than applying the Council to Latin America, the Episcopate of CELAM makes a reinterpretation of Vatican II from the subcontinent, touching on major social and ecclesial issues of this diverse reality. Bishop Paulo Evaristo Arns (1921-2016) is elected Bishop after the Council and appointed Archbishop of São Paulo after Medellín. In this context, the following question arises: *What ecclesial model Dom Paulo Evaristo Arns implanted in the Archdiocese of São Paulo based on the conclusions of Medellín?* The main historical and theological elements of this Conference are recovered, highlighting its reception of the Second Vatican Council and how it was translated to the local Churches, alluding to the episcopate of Dom Paulo Evaristo Arns.

KEYWORDS: Vatican II. Medellín. Cardinal Arns.

SUMÁRIO: 1. Introdução; 2. Contexto histórico-eclesial da Conferência de Medellín; 3. A realização da Conferência e o Documento conclusivo; 4. As Comunidades de Base no texto de Medellín: lugar de vivência dos

¹ Mestrando em Teologia Dogmática pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Especialista em Sagradas Escrituras pela Faculdade Claretiana e Especialista em Ciências da Religião pela Faculdade Unyleya. E-mail: pereira-anderson1@hotmail.com. Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6854020549519189>. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-9557-6026>. Brasil.

Ministérios; 5. As Comunidades de Base como aplicação da Igreja Povo de Deus; 6. Dom Paulo Evaristo Arns: modelo de recepção da Igreja Ministerial de Medellín; 7. Conclusão; 8. Referências.

1. Introdução

O Concílio Vaticano II (1962-1965), sem dúvidas, foi o maior evento eclesial do século XX. Entretanto, a sua recepção foi e continua sendo bastante controversa, não somente por causa das diferentes interpretações conflituosas entre progressistas e tradicionalistas, mas também pela abrangência de seus documentos e pela sua natureza social e teológica. Nos anos seguintes ao Concílio, o Episcopado da América Latina realizou um grande encontro continental com o intuito de interpretar os documentos conciliares à luz da realidade latino-americana.

Assim, no ano de 1968, alguns Bispos reuniram-se em Medellín, na Colômbia, para a II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (CELAM). Como fruto, após longos e produtivos dias de trabalho, fora redigida uma série de dezesseis Relatórios, concatenados entre si, em número semelhante ao *corpus* conciliar do Vaticano II, mas formando um grande Documento final. Medellín, mais do que uma simples Assembleia Episcopal, significou todo o esforço eclesiológico de traduzir a novidade do Concílio Vaticano II para a realidade deste subcontinente.

Para os diversos desafios da realidade latino-americana, a Conferência de Medellín buscou não soluções prontas para cada problema, mas procurou tocar, de certa forma, cada realidade ante os desafios dos tempos atuais. Grosso modo, as grandes reflexões dessa Conferência buscaram concretizar o desejo conciliar da colegialidade episcopal, que dá passos importantes, inclusive na forma de elaboração do Documento final.

O presente Artigo divide-se em cinco partes. Na primeira parte apresenta-se um breve panorama sobre os antecedentes históricos à realização da Conferência. Ciente desta realidade expõe-se, na segunda parte, algumas informações sobre o evento eclesial e o Documento conclusivo que fora redigido. Nas terceira e quarta partes trata-se, especificamente, como Medellín abordou a questão das Comunidades Eclesiais de Base, como aplicação da Igreja Povo

de Deus. Por fim, na última parte, faz-se referência a Dom Paulo Evaristo Arns (1921-2016), a partir de sua eclesiologia sobre os ministérios na Igreja como vivência pastoral da Igreja de Medellín. Ao final, formulam-se algumas conclusões.

2. Contexto histórico-eclesial da Conferência de Medellín

Nos idos da década de 1960, o mundo estava imerso numa efervescência de fatos e acontecimentos únicos. “Na verdade, toda a década de sessenta significou muito em termos de mudanças sociais, políticas, culturais e religiosas” (GODOY, 2015, p. 210). Com o desenvolvimento tecnológico e das Ciências, a corrida espacial, que corresponde à luta entre Estados Unidos e União Soviética, estava a pleno vapor e os primeiros homens haviam passeado no espaço. Após a Segunda Guerra Mundial, a tensão geopolítica entre a União Soviética e os Estados Unidos e seus respectivos aliados, chamada de Guerra Fria, “parecia consolidar-se e dilatar-se em proporções cósmicas” (ALBERIGO, 2006, p. 183).

A Revolução Cultural chinesa surge nesse período como um movimento social e cultural, para impedir que qualquer interferência capitalista figurasse naquele país. Enquanto isso, o conflito no Vietnã intensificava-se com o envolvimento cada vez maior dos norte-americanos. Em 1963, o primeiro presidente americano católico John Kennedy foi assassinado na cidade de *Dallas* e a presidência americana foi ocupada por Lyndon Johnson (SUESS, 1998, p. 857).

Na França, o Movimento de Maio de 1968 entrou para a história como uma Revolução de grande revisão de valores, mas, sobretudo como um movimento político marcado por uma grande onda de protestos, que teve início com manifestações estudantis para pedir reformas no setor educacional. A Revolução de maio de 68 tornou-se ícone de uma época em que a renovação dos valores veio acompanhada pela proeminente força de reações da juventude (SUESS, 1998, p. 857-858). Por causa disto, o ano de 1968 ficou conhecido como “o ano que nunca acabou”.

Vale ressaltar que nesse período a Ação Católica, com suas diversas expressões (JAC, JEC, JIC, JOC e JUC), mobilizava a juventude de todas as formas. Muitos desses jovens atuavam no Movimento de Educação de Base (MEB), criado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, no processo de uma alfabetização inovadora e conscientizadora, na perspectiva do pedagogo Paulo Freire (1921-1997), que lutava por uma sociedade mais justa para todos.

A década de sessenta foi marcada ainda pelos movimentos de descolonização da África, quando as populações dos territórios africanos ocupados conseguiram expulsar o invasor europeu e, assim, conquistar a tão sonhada “independência”. Nesse período, uma série de ditaduras, sobretudo militares, desenvolveram-se na América Latina. Nessa mesma década Brasil, Bolívia, Peru e Argentina caíram nas mãos dos militares. Posteriormente, outros países também.

Essas ditaduras foram fortemente influenciadas pelos Estados Unidos, como forma de manter o continente americano sob a sua influência e evitar que a experiência comunista cubana se repetisse em outros locais. Assim, vigorava uma Doutrina de Segurança Nacional (GODOY, 2015, p. 210). São momentos históricos efervescentes no contexto latino-americano.

No Brasil, especificamente na gestão arcebispal da Arquidiocese de São Paulo, houve duas matrizes de postura em relação à ditadura, sendo uma de linha conservadora, com o cardeal Dom Agnelo Rossi, e uma perspectiva progressista, com Dom Paulo Evaristo Arns. Essas diferentes posturas revelam, por detrás, diferentes modelos eclesiológicos:

numa interpretação comum, ‘conservador’ corresponde à defesa da manutenção da ordem, da disciplina, do tradicional, com posições políticas à direita; ‘progressista’ corresponde à defesa de reformas profundas, de inovações, com posições políticas à esquerda; no entanto, muitas vezes no cotidiano há uma mistura e não é raro alguém assumir posturas conservadoras em assuntos religiosos e progressistas em assuntos seculares, ou vice-versa. No plano ad intra da instituição, conservador pode significar a defesa de orientações tradicionalistas, fundamentalistas, reacionárias, integristas, fixação no Vaticano I, entre outros aspectos, e progressista pode significar a defesa de orientações modernas, democráticas, centrado no Vaticano II e em Medellín, valorização da colegialidade episcopal, etc., sem que isto esgote todo o repertório de posições de ambas as partes. Alguns preferem uma terminologia que caracterize alas,

ou setores, com suas respectivas visões de mundo e eclesiais: conservadores, moderados e renovadores (WANDERLEY, 2003, p. 461).

Dom Paulo Evaristo Arns tornou-se símbolo da resistência contra a ditadura militar. Suas fortes denúncias à tortura e à perseguição política durante a ditadura está diretamente relacionada à sua coragem profética. Impulsionado pelo Concílio Vaticano II, pela Conferência de Medellín e pela Teologia da Libertação seguiu os passos firmes na esteira de um grande momento de renovação na Igreja Católica.

Dom Paulo tornou-se Arcebispo de São Paulo em um momento bastante difícil da história, mas tornou-se na hora mais oportuna que a Igreja de São Paulo necessitava. Após o escândalo da omissão e silêncio de Dom Agnelo Rossi, então Arcebispo paulistano, no caso em que um grupo de dominicanos foi preso e seu líder Frei Tito de Alencar Lima foi brutalmente torturado pelos militares, sem que Dom Agnelo Rossi tivesse intercedido a seu favor, foi rapidamente transferido da Arquidiocese devido à repercussão internacional do caso. Dom Agnelo Rossi tinha claramente ideais que alinhavam aos ideais ditatoriais.

Dom Paulo, após assumir o pastoreio da Arquidiocese, não se omitiu diante das barbaridades cometidas pela ditadura: denunciou quando o padre Giulio Vicini e a assistente social leiga Yara Spaldini foram presos em 1971. Motivou a CNBB a publicar o Documento de Brodósqui, um relatório que denunciava tortura, arbitrariedades e perseguições a políticos após a aprovação do AI 5. Celebrava Missas com pregações de forte conteúdo político. Celebrou uma missa na Catedral da Sé como protesto pela morte do líder estudantil Alexandre Vannucchi Leme, que, segundo os militares, tinha sido “vítima de atropelamento”.

Organizou um grande ato interreligioso em homenagem ao jornalista judeu Vladimir Herzog, cruelmente torturado e assassinado pelos militares, mas acusado por eles de que teria cometido “suicídio”. Desenvolveu clandestinamente o projeto *Brasil: nunca mais*, em parceria com um rabino e um pastor, posteriormente publicado em livro, que narra com dados e informações objetivas as terríveis atrocidades cometidas durante o regime da ditadura.

Mergulhada nesse contexto de ditaduras em quase toda a América Latina, a Conferência de Medellín acontece na Colômbia do padre Camilo Torres (1929-1966), tido

como um precursor da Teologia da Libertação. Dom Paulo Evaristo Arns afirma que “a Teologia da Libertação viera a público na Assembleia de Medellín, em 1968” (ARNS, 2001, p. 237). Isto é, Medellín é a explicitação de um processo já existente. José Oscar Beozzo, por outro lado, aponta que em Medellín apenas “esboça-se a Teologia da Libertação” (BEOZZO, 1994, p. 118).

O momento eclesial da década de sessenta foi marcado profundamente pela realização do Concílio Vaticano II (1962-1965), “a inesperada flor de primavera”, tido como o evento de maior importância para a Igreja Católica no século XX. Como fruto do Concílio, houve mudanças dentro e fora da Igreja. Pelo mundo inteiro brilhava a esperança de uma renovação, cujas portas foram abertas pela Assembleia Conciliar (SUESS, 1998, p. 864). Na América Latina houve boa aceitação entre a maioria dos Prelados pela recepção do Concílio em suas Igrejas Particulares. O contexto de Medellín, do ponto de vista eclesial, estava fortemente marcado pelo pós-Concílio.

Ademais, vale ressaltar que Paulo VI, como Papa dessa década, promoveu importantes diálogos com o mundo: o primeiro a visitar os cinco continentes, inclusive “a abertura da Conferência feita pelo Papa na cidade de Santa Fé de Bogotá coincide com a primeira visita de um Pontífice à América Latina” (ALTEMEYER JR, 2018, p. 125), no qual fez 21 discursos; toma sua própria decisão de realizar uma peregrinação a Jerusalém, no decurso da qual se encontraria com o Patriarca de Constantinopla, Atenágoras, após séculos de alheamento hostil; em 04 de outubro de 1965 discursa na sede da Organização das Nações Unidas em defesa da paz; em 07 de dezembro de 1965, o Papa Paulo VI e o Patriarca Atenágoras de Constantinopla suspenderam a excomunhão mútua que estava em vigor desde 1054.

No campo religioso, Medellín foi fortemente influenciada por grandes Encíclicas sociais que precederam o Evento, a saber: *Mater et Magistra* (1961) e *Pacem in Terris* (1963) de João XXIII e *Populorum Progressio* (1967) de Paulo VI, esta última citada trinta vezes (FERREIRA, 2018, p. 23). Ademais, a Carta Encíclica de Paulo VI tornou-se um grande amparo para a Igreja na América Latina. Todavia, com toda certeza, as duas Constituições

conciliares *Lumen Gentium* e *Gaudium et Spes* foram a base que inspiraram as reflexões de Medellín (BEOZZO, 1994, p. 117).

Após três anos do término do Concílio Vaticano II foi convocada, no ano de 1968, a Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em Medellín, Colômbia. Vale lembrar que a Primeira Conferência Episcopal do CELAM foi realizada no Rio de Janeiro, em 1955, vivida num contexto eclesial anterior ao Concílio Vaticano II, portanto, num contexto eclesial e eclesiológico totalmente diferente.

3. A realização da Conferência e o Documento conclusivo

A Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano realizou-se em Medellín, na Colômbia, entre 24 de agosto a 6 de setembro de 1968. Sua abertura, a 24 de agosto, se deu por ocasião do XXXIX Congresso Eucarístico Internacional. Como afirmou textualmente Dom Paulo Evaristo Arns, “Medellín era como o Vaticano II traduzido para a América Latina” (ARNS, 2001, p. 237). José Oscar Beozzo afirmou que “Medellín refaz, num certo sentido, o Vaticano II e, em muitos pontos, dá um passo além” (BEOZZO, 1994, p. 117). O próprio título da Conferência (A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio) refletia essa preocupação em ser uma tradução do Vaticano II para a América Latina:

Sediada no Seminário Maior da Arquidiocese de Medellín, capital da província de Antioquia, essa segunda Conferência Episcopal continental foi convocada pelo beato Papa Paulo VI, por insistência de dom Manuel Larraín Errázuriz, que viria a falecer em um acidente automobilístico no Chile em 22 de junho de 1966, e pela insistente articulação profética de dom Helder Pessoa Câmara, Arcebispo de Olinda e Recife-PE e um dos atores principais quer do Concílio Vaticano II, quer dessa inovadora Assembleia Sinodal do Continente (ALTEMEYER JR, 2018, p. 125).

Para o teólogo José Comblin, a realização da Conferência de Medellín como “recepção criativa” do Vaticano II tratava-se, na verdade, de uma “releitura a partir da situação latino-americana, indo mais longe que o Concílio em alguns assuntos relativos à presença da Igreja na sociedade latino-americana contemporânea” (COMBLIN, 2008, p. 11). Clodovis Boff afirma

que o documento final de Medellín representa o “ato de fundação” da Igreja da América Latina (BOFF, on-line), sendo considerado o “pequeno Concílio da América Latina”.

Esta Conferência foi pensada e articulada pelo presidente do CELAM, Dom Manuel Larraín Errázuriz, Bispo de Talca (Chile) com a força de vontade de fazer o *aggiornamento* da Igreja latino-americana, mediante à aplicação do espírito e orientação do Vaticano II, tornando-o eficaz neste continente. Apoiado pelo primeiro vice-presidente, o Arcebispo de Olinda e Recife, Dom Helder Câmara, apresentou ao Papa Paulo VI o desejo do CELAM de celebrar uma Assembleia Geral dos Bispos da América Latina, que prontamente atendeu o pedido (FERREIRA, 2018, p. 19).

Vale destacar que em 22 de junho de 1966, falece Dom Manuel Larraín e Dom Avelar Brandão Vilela, na época Arcebispo de Teresina, torna-se o presidente do CELAM, sendo um “importante artífice da preparação de Medellín” (FERREIRA, 2018, p. 10), tocando adiante o projeto da realização da Conferência. Sobre a realização da Conferência, algumas notas são importantes. Primeiramente apresenta-se um breve resumo esquemático dos participantes, feito por Fernando Altemeyer Jr. do seguinte modo:

Os membros efetivos seriam 123 bispos e 21 sacerdotes (14 presbíteros religiosos e 07 presbíteros diocesanos). A lista oficial completa dos participantes mencionará finalmente 87 bispos, 45 arcebispos, 06 cardeais, 71 sacerdotes e religiosos, 07 religiosas, 03 religiosos, 19 leigos e 11 observadores não católicos. Total: 138 bispos com direito a voto (eleitos pelas conferências episcopais, os nomeados pelo papa, alguns convidados diretos do cardeal Samorè e ainda um bispo que atuará como perito), somados aos 111 delegados e observadores, totalizando 249 participantes nos 12 dias do encontro que será o parto efetivo de uma Igreja adulta no subcontinente (ALTEMEYER JR, 2018, p. 126).

Entre os participantes estava o Arcebispo de Diamantina, Dom Geraldo Proença de Sigaud, que contestou a eleição dos delegados da Conferência Nacional dos Bispos no Brasil (CNBB) na Assembleia e foi à Medellín, por conta própria, para, inicialmente, tomar parte de maneira arbitrária e ilegítima na Conferência e, noutro momento, criar uma espécie de anticonferência (BEOZZO, 1994, p. 158).

Destaca-se, ainda, que a multiplicidade de Relatórios fez com que o Documento final ficasse conhecido como **Conclusões de Medellín**, resultado do trabalho das dezesseis subcomissões em que foi dividida a Conferência (MANZATTO, 2006, on-line), portanto dezesseis relatórios. Finalmente, enquanto estrutura temática, as Conclusões de Medellín possuem três partes, a saber: uma dedicada à promoção humana dos povos latino-americanos, outra que insiste na urgência de adaptar a evangelização às novas circunstâncias do subcontinente e, por fim, uma parte que versa sobre a Igreja e suas estruturas visíveis (cf. Med, Introd., n. 8).

A primeira parte, sob o título “Promoção Humana”, com cinco relatórios, traz questões como Justiça, Paz, Família e Demografia, Educação e Juventude. A segunda parte, com quatro relatórios, aborda a questão da “Evangelização e Crescimento na fé”, com temas como Pastoral Popular, Pastoral de Elites, Catequese e Liturgia. Por fim, a terceira parte, “a Igreja visível e suas estruturas,” com sete relatórios, aborda os Movimentos Leigos, os Sacerdotes, os Religiosos, a Formação do Clero, a Pobreza da Igreja, a Pastoral de Conjunto e os Meios de Comunicação Social.

Na redação do Documento final, ao invés de partir de princípios dogmáticos ou doutrinários, optou-se pelo método da Ação Católica Ver-Julgar-Agir, que parte da realidade para julgá-la aos olhos da fé e atuar nela a partir desse julgamento:

A ação dos pastores começa pelo conhecimento da realidade, e por isso o documento todo de Medellín está estruturado exatamente neste esquema: olhar sobre a realidade (ver), reflexão doutrinal (julgar) e propostas concretas de ação (agir). O velho método da ação católica é chamado para ajudar a Igreja do continente a desenvolver sua missão (MANZATTO, 2006, on-line).

Os Bispos latino-americanos assumiram o método da Ação Católica, não somente para organização didática do Documento final, mas como um modo de pensar a prática pastoral e teológica da Igreja. Essa postura foi fundamental para o emergir de um novo jeito de ser da Igreja Católica no continente. Esta inspiração metodológica de Medellín auxiliará a Igreja na América Latina a repensar seu agir teológico-pastoral.

O Texto inicia-se com a seguinte asserção: “A Igreja latino-americana, reunida na II Conferência Geral de seu Episcopado, situou no centro de sua atenção o homem deste continente, que vive um momento decisivo de seu processo histórico” (Med, Introd., n. 1). Nota-se que “dentre os pontos importantes do documento de Medellín, ressalte-se a afirmação da injustiça institucionalizada como causa da pobreza do continente, o reconhecimento de que a paz é fruto da justiça e o compromisso da Igreja com o processo de libertação dos pobres” (MANZATTO, 2006, on-line). Aqui encontra-se, em síntese, a indicação da tônica destas Conclusões. Ademais, a luta pela paz e pela justiça serão as bandeiras de Dom Paulo Evaristo Arns nos anos de chumbo contra o regime militar ditatorial.

4. As Comunidades de Base no texto de Medellín: lugar de vivência dos Ministérios

Nas Conclusões de Medellín, especificamente no relatório sobre a Pastoral Popular, encontra-se a seguinte afirmação: “De acordo com a vontade de Deus, os homens devem santificar-se e salvar-se não individualmente, mas constituídos em comunidade” (Med 6, n. 9). Este princípio fundamental refere-se à Constituição *Lumen Gentium* n. 9: “Deus quis, entretanto, santificar e salvar os homens não como simples pessoas, independentemente dos laços sociais que os unem, mas constituiu um povo para reconhecê-lo na verdade e servi-lo na santidade”.

Desse modo, Deus, Comunhão Trinitária, criou-nos para vivermos em comunidade. Esse fundamento encontra-se na própria identidade comunal da Santíssima Trindade, bem como na Sagrada Escritura, desde o Antigo Testamento, quando Deus constituiu um povo para Si, ao Novo Testamento, quando Jesus forma um povo apostólico, até à vinda do Espírito Santo que suscita, como fruto, a vida em comunidade, conforme narra os Atos dos Apóstolos.

A Igreja latino-americana consagrou a expressão “comunidades de base”, ora chamada de “comunidades eclesiais” ou “comunidades cristãs de base”. Em Medellín encontra-se uma elaboração teológico-pastoral de um processo que aparece já nos anos de 1950. Impulsionadas pela eclesiologia do Povo de Deus do Vaticano II, elas se tornaram um jeito próprio de ser da

Igreja na América Latina. Uma das grandes contribuições da Conferência de Medellín para a renovação das estruturas pastorais, sem dúvida, foi sua opção pelas Comunidades Eclesiais de Base, como lugar privilegiado do exercício da ministerialidade:

Nas CEB's organizavam-se a catequese, a escuta da Palavra de Deus, a vivência dos ministérios, a oração, a prática sacramental, a celebração e o culto e, além disso, cursos profissionalizantes, fóruns de debates, ações pela melhoria da vida no bairro, grupos de influência política e outras atividades ligadas à prática social. (MANZATTO, 2006, on-line).

Os Ministérios, situados dentro da comunidade, estavam a serviço de pessoas concretas: os pobres. Alberto Parra afirma que em Medellín se firma uma “práxis ministerial dos pobres” e em favor dos pobres (PARRA, 1991, p. 99). Desse modo, a ação pastoral da comunidade de base destina-se “a levar o homem todo e todos os homens à plena comunhão de vida com Deus na comunhão visível da Igreja” (Med 15, n. 9). A Teologia do Povo de Deus e a Teologia da Igreja dos Pobres possibilitará o surgimento das comunidades de base.

Nas comunidades de base verificou-se uma impressionante efervescência de valorização dos ministérios e serviços leigos. Diversos autores atribuem a causa do surgimento e crescimento de novos ministérios não-ordenados às Comunidades Eclesiais de Base (ALMEIDA, 1989, p. 106). Os Bispos em Medellín recomendam “a elaboração de estudos sérios, de caráter teológico, sociológico e histórico, a respeito destas comunidades cristãs de base” (Med 15, n. 12).

Ainda no relatório Pastoral Popular, os Bispos latino-americanos recomendaram:

Procurar a formação do maior número de comunidades eclesiais nas Paróquias, especialmente nas zonas rurais entre os marginalizados urbanos. Comunidades que se devem basear na Palavra de Deus e realizar-se, enquanto seja possível, na Celebração Eucarística, sempre em comunhão e sob a dependência do Bispo (Med 6, n. 13).

A comunidade eclesial não é um simples aglomerado de cristãos. Em sentido muito mais profundo, é um espaço de comunhão, participação e missão, no exercício dos mais diversos ministérios. A comunidade é um lugar teológico do encontro, da partilha, da Eucaristia e da Palavra, do serviço, da caridade, do profetismo, do compromisso com a transformação da

sociedade, enquanto expressão viva da grande *koinonia* trinitária a que o Pai quis fazer participar os homens no Filho e no Espírito Santo.

Não se deve perder de vista, no exercício dos ministérios na Igreja, “a lógica da fraqueza que possa fazer crível a pregação sobre um Cristo Crucificado e que permita perceber que é a força de Deus, e não a potência da indústria humana, que opera na Igreja e no mundo a conversão e a transformação” (PARRA, 1991, p. 138).

As comunidades de base desafiam a renovar a comunidade para seja cada vez mais lugar de convivência fraterna. As pequenas comunidades devem facilitar essa convivência, descentralizando as decisões. A presença sadia gera confiança e laços afetivos maduros. A Paróquia de nossos dias já não responde tanto aos anseios mais comunitários que as pessoas desejam viver a fé; Esta busca positiva deve resgatar o jeito de ser Igreja das CEB's, com comunidades missionárias e menos burocráticas.

5. As Comunidades de Base como aplicação da Igreja Povo de Deus

A Teologia do Povo de Deus favoreceu o desenvolvimento das comunidades eclesiais tanto no meio urbano como no rural. Por que esse impulso tão promissor enfraqueceu tanto atualmente, chegando quase a desaparecer depois de ter tido uma expansão sem precedentes? Citamos três características essenciais que fazem delas autênticas células de Igreja:

A celebração da presença do Cristo Ressuscitado: A assembleia dominical reúne na mesma fé, a Comunidade em torno da escuta da Palavra, frequentemente precedida de um encontro bíblico durante a semana. Ela é um tempo forte de ensinamento, ação de graças e convívio fraterno. A liturgia utiliza elementos culturais locais que simbolizam a fé dos humildes, inspirando-se em expressões da religiosidade popular. Ela permite a participação de todos. É também o lugar e o momento em que cada um vive a experiência de pertencer à família de Jesus. Os laços tecidos a partir daí na comunidade são os mesmos definidos por Jesus quando Ele diz “Aqui estão minha mãe e meus irmãos. Quem faz a vontade de Deus é meu irmão,

minha irmã e minha mãe” (Mc 3, 34-35). Com Jesus, nós passamos da família limitada pelos laços sanguíneos à família que reúne todos aqueles que escutam sua Palavra (cf. Lc 11, 27-28).

A solidariedade e a preocupação com os mais pobres: Na Comunidade todos são iguais irmãos em Cristo. Consequentemente, ninguém pode ser abandonado. Essa escolha inspira-se em: *Não haverá pobres entre vós* (Dt 15, 4), um ideal da comunidade que encontramos em At 2, 42. O cristão não se acomoda com o mundo presente (cf. Rm 12, 2), tampouco aceita que seus irmãos sofram injustiça. Assim, a solidariedade une a comunidade cristã a todos aqueles que lutam pelo acesso à educação, à saúde, à segurança, ao teto, ao trabalho e também ao direito à terra. A Comunidade não é jamais um grupo fechado que sustenta somente os membros do grupo; ela não busca privilégios, pois reivindica os mesmos direitos para todos.

As CEB's são Igrejas domésticas que se autogeram, permanecendo sempre ligadas ao conjunto das outras Comunidades. Os encontros frequentes de formação reforçam a coesão e o espírito de pertença a uma mesma Igreja. As responsabilidades são assumidas por homens ou mulheres indistintamente, escolhidos pelos membros da Comunidade para um mandato determinado. Nas longas distâncias, as CEB's eram o único meio de manter a presença da Igreja, fazendo-a viver pelo próprio dinamismo dado pela comunidade. As CEB's eram também o lugar das manifestações por ocasião dos aniversários e outras festas que marcavam o ritmo do ano.

Essa experiência não foi privilégio da América Latina. Na África, foram feitas experiências semelhantes, ainda que poucas, inspiradas pela mesma intuição que possibilitava uma Igreja Povo de Deus. Dom Paulo em seu ministério sempre lutou pela consolidação das Comunidades Eclesiais de Base, para substituir a supremacia das Paróquias pela valorização de pequenas Comunidades, com a presença e lideranças de Leigos. Atento à renovação do Vaticano II e de Medellín, Dom Paulo abraçou este modelo descentralizado de Comunidades.

6. Dom Paulo Evaristo Arns: modelo de recepção da Igreja Ministerial de Medellín

No ano de 2021 celebrou-se o centenário do nascimento de Dom Paulo Evaristo Arns (1921-2016). Dom Paulo foi nomeado Bispo auxiliar de São Paulo quatro meses após a conclusão do Concílio Vaticano II e nomeado Arcebispo da mesma Arquidiocese dois anos após o término da Conferência de Medellín, tendo tomado posse a 01 de novembro de 1970, exercendo o cargo até 15 de abril de 1998, quando renunciou, por limite de idade. Estes acontecimentos marcam profundamente a temática eclesiológica, que era uma constante de Dom Paulo.

Em seu incansável itinerário pastoral, nutriu-se de diversas fontes para seu ministério episcopal, a saber: O Concílio Vaticano II, a assistência à população desfavorecida de Petrópolis por cerca de uma década e as Conferências de Medellín e Puebla. Exerceu, além do ministério pastoral, um ministério intelectual. Publicou ao todo cinquenta e sete livros, dentre eles, no ano de 1980, publicou o opúsculo *Ministérios na Igreja*, que versa, sobretudo, sobre a renovação dos ministérios eclesiais, ideias estas fruto de um longo processo de amadurecimento e prática pastoral, como também fruto da eclesiologia do Vaticano II, de Medellín e Puebla.

Na dedicatória do opúsculo afirma que este é dedicado aos noventa e um Presbíteros que, pela imposição de suas mãos, receberam o segundo grau da Ordem. O texto é fruto do pedido de Padres da Arquidiocese de São Paulo e de outras partes do Brasil para que redigisse algo sobre a missão e a importância dos Presbíteros para a Igreja. Para surpresa, não tratou somente do ministério ordenado, mas da vocação ao ministério Leigo, pois, para ele, “nos tempos de hoje, já não se pode separar a ação do Presbítero daquela dos ministros Leigos” e insiste “no ministério dos Leigos junto aos Padres, porque estes formam um conjunto com sua vida e sua ação” (ARNS, 1980, p. 8). A valorização do laicato, fruto da Teologia do Vaticano II e de Medellín foi um aspecto muito forte na ação pastoral de Dom Paulo.

Didaticamente, o texto está dividido em vinte e três pequenos subtemas, além da introdução, e dá as coordenadas para entendermos a eclesiologia que Dom Paulo Evaristo traça acerca dos ministérios na Igreja, de modo particular, na missão na cidade de São Paulo. O texto

nos oferece uma clara reflexão em torno dos Ministérios diversificados na Comunidade. O texto se fundamenta na eclesiologia conciliar de Igreja Povo de Deus, em que todos os batizados têm lugar, ministérios e corresponsabilidade na Igreja.

A Conferência de Medellín reconhece que “elemento capital para a existência de Comunidades Cristãs de Base são seus líderes ou dirigentes” (Med 15, n. 11). Neste sentido, Dom Paulo afirma: “Comunidade sem animadores é massa morta” (ARNS, 1980, p. 37) e para um profícuo exercício dos ministérios “os novos ministros necessitam da formação indispensável para suas atividades em nome da Igreja” (ARNS, 1980, p. 65).

Nessas mesmas linhas, Dom Paulo aborda abundantemente o tema da vocação. Para ele “a vocação para os diversos ministérios deve ser compreendida olhando para o mistério da Igreja, que é o Corpo de Cristo” (ARNS, 1980, p. 60). Desse modo, Dom Paulo aborda a relação mistério-ministério. É no mistério da Igreja que os ministérios se esclarecem e se desenvolvem. A vocação ministerial de toda a Igreja e sobre os seus diversos ministérios, tem sua fonte de compreensão no próprio mistério da Igreja. Para ele, o texto de Efésios 4,1-16 é iluminador neste sentido.

Para Dom Paulo, os ministérios encontram ainda seu fundamento ontológico na unidade de Cristo e na dinamicidade do Espírito Santo. Assevera que “esta unidade de vida provém de Jesus Cristo” (ARNS, 1980, p. 60) e, ainda, “o Espírito Santo é quem constantemente renova os ministérios todos. Nenhum ministério na Igreja pode ser conferido sem a força, o discernimento e a docilidade ao Espírito de Jesus” (ARNS, 1980, p. 70).

Dom Paulo acredita com a Igreja que os ministérios estão enraizados nos Sacramentos do Batismo, primeiro fundamento de todo ministério, da Confirmação (Crisma), que potencializa os ministérios com o dom do Espírito, e da Eucaristia como o alimento que sustenta diariamente a vida ministerial (cf. ARNS, 1980, p. 61-62). Portanto, os Sacramentos da Iniciação Cristã lançam os fundamentos dos ministérios na Igreja.

Dom Paulo não teme em reconhecer a importância e o papel das mulheres nos ministérios na Igreja, superando preconceitos e oferecendo oportunidades. As mulheres

exercendo ministérios na Igreja não podem mais ser vistas com preconceitos ou tabus, pois elas mesmas já provaram que podem assumir ministérios:

Não se diga que estamos apenas numa fase de “serviços”, porque de fato chegamos à definição de “ministérios”. Porque o ministro *ordena, incentiva, motiva e renova constantemente os “serviços” para o bem de uma comunidade*. E é aí que a mulher pode desenvolver – e já está desenvolvendo – o seu carisma de irmã do povo, mãe do povo e expressão da face feminina de Deus (ARNS, 1980, p. 69, grifo do autor).

Dom Paulo é audaz ao afirmar que “todos somos leigos, porque todos somos Povo de Deus (ARNS, 1980, p. 72). Ele defende, com toda a razão, que o leigo ocupe o seu lugar na Igreja e no mundo. A hierarquia eclesial deve sempre se colocar a serviço dos cristãos leigos e leigas, não descuidando da devida formação que todos devem receber.

Ainda sobre os ministérios, Dom Paulo afirma que “o ministério não é medalhão, nem recompensa, nem motivo de prestígio ou projeção” (ARNS, 1980, p. 78). Ministério é serviço. E acredita em sua renovação: “Também devem os ministros renovar-se constantemente, depois de constituídos. Esta renovação supõe conversão pessoal contínua, mas também informação e formação em tudo o que diz respeito à Comunidade e à grande Igreja de Deus” (ARNS, 1980, p. 79). Destaca-se que a renovação ministerial se dá através de conversão e (in)formação.

Pode-se ressaltar outros tópicos abordados nesse opúsculo no que tange à realidade dos ministérios eclesiais: a Igreja particular unida ao Corpo Místico de Cristo; o Batismo que confere ao cristão uma identidade missionária, eclesial e ministerial; o ministério dos Bispos a serviço da unidade e da colegialidade, por meio da Pastoral de Conjunto e das Conferências Episcopais; a relação entre os Bispos e Religiosos; a identidade do ministério presbiteral, sua dimensão universal e sua missão de pastor da Comunidade², ao mesmo tempo em que por ela é sustentado; a vocação da vida religiosa consagrada; as vocações sacerdotais ao ministério ordenado, dentre outros temas.

² Dom Paulo dava grande valor à imagem do Padre como Pastor. Pastor é aquele que tem a missão de cuidar, proteger, conduzir, orientar e vai à procura da ovelha desgarrada (cf. Lc 15, 3-6), para além de sua dimensão cültica de sacerdote.

Ressalta-se que na década de 1970, Dom Paulo propôs uma eclesiologia segundo Medellín a partir das periferias criando e fortalecendo as pequenas Comunidades. Em tudo, Dom Paulo assumiu o rosto da Igreja pobre e servidora desejada por Medellín. Sensível aos graves problemas da imensa periferia da cidade de São Paulo, o projeto “Operação Periferia” que Dom Paulo lançou vislumbrava outro aspecto da missão na cidade, por meio de uma ação concreta e solidária entre centro e periferia. Esta Operação possibilitou uma profunda reforma ministerial e eclesial através da valorização das pequenas Comunidades, as CEB’s, e da formação e multiplicação de animadores de Comunidades, isto é, lideranças leigas, exercendo ministérios diversificados.

É a partir deste trabalho que a Igreja se faz mais presente na periferia da cidade de São Paulo através do desenvolvimento das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), que apareceram como resultado de uma ação conscientizadora do clero, religiosos e religiosas, que ajudava o povo a perceber elementos reais de sua vida e situação histórica, fazendo essa reflexão a partir da palavra de Deus. (OLIVEIRA, 2008, p. 57).

Este profundo olhar para a realidade e a sua evangelização libertadora o ajudou a assumir os novos caminhos nascidos no Concílio Vaticano II e latino-americanizados em Medellín. A respeito do projeto “Operação Periferia” cinco objetivos principais podem ser sintetizados, a saber:

1º **Formar Comunidades** capazes de assumir seus compromissos de participação ativa e consciente e de promoção integral do Homem; 2º Descobrir e **treinar lideranças** locais e animadores de comunidade; 3º Formação de **centros comunitários** em cada bairro, onde o povo possa se reunir e organizar suas atividades; 4º Criar e coordenar **recursos humanos e materiais** a serviço das comunidades da periferia; 5º Conscientizar e levar ao engajamento comunidades e pessoas, através da realização de **projetos** concretos que respondam às necessidades mais urgentes da periferia. (OLIVEIRA, 2008, p. 95-96, grifo do autor).

Interessante notar que na “Operação Periferia” Dom Paulo investia tanto recursos humanos (isto é, o protagonismo laical) quanto recursos financeiros. Vale destacar também que, antes como Bispo auxiliar da Região Norte, Dom Paulo realizou a “Missão Povo de Deus” para

desenvolver as Comunidades de base, “primeiro e fundamental núcleo eclesial” da dimensão missionária da Igreja (Med 15, n. 10).

Além das atividades da “Missão Povo de Deus”, Dom Paulo implementou outra atividade pastoral: tratava-se de curso de Teologia para leigos e leigas agentes de pastorais para o exercício de tarefas eclesiais até então executada somente por padres (ARNS, 2001). A criação de Comunidades e a formação dos leigos foi um mote na pastoral de Dom Paulo Evaristo Arns na recepção do Concílio Vaticano II:

Atendendo ao Concílio Vaticano II, Dom Paulo Evaristo, então Bispo auxiliar e Vigário Episcopal da região Norte, tomou a iniciativa de formar uma equipe de pastoral, constituída por padres, religiosas e leigos para a implantação dos documentos do concílio, era a chamada *Missão Povo de Deus*, que depois, fortalecida pela conferência de Medellín iria implantar pequenas Comunidades Eclesiais de Base. Essa equipe visitou as cinquenta Paróquias da Região Norte, e propagou as sementes das Comunidades Eclesiais de Base. Depois Dom Paulo, já como Arcebispo de São Paulo, leva essa mesma ideia para toda a Arquidiocese (OLIVEIRA, 2008, p. 114).

Seu método pastoral era o mesmo utilizado em Medellín, ver-julgar-agir, também utilizado pela Teologia da Libertação. O modelo ministerial de Dom Paulo era de descentralização. Nos passos do Vaticano II e de Medellín, renovou o plano pastoral da Arquidiocese de São Paulo com participação de vários organismos, aumenta de sete para nove o número de Regiões Episcopais, que se tornam interdependentes, o que implicava conseguir novos Bispos auxiliares e criação de novas Paróquias e criação de seminários regionais.

Dom Paulo, como Arcebispo de São Paulo, sempre reconheceu e valorizou o trabalho de centenas de leigos e leigas atuantes nas Comunidades Eclesiais de Base e nas pastorais específicas. A valorização do laicato na efetiva participação dos leigos na dinâmica das CEB's, até mesmo em sua assessoria pessoal, era o mote do modelo eclesial de Dom Paulo. A renovação dos ministérios eclesiais escrita em um opúsculo era, na verdade, espelho de sua prática pastoral alinhada às exigências do Evangelho.

7. Conclusão

Assim como o Concílio Vaticano II foi em escala global o maior evento eclesial do século XX, podemos, seguramente, afirmar que a II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano celebrada em Medellín foi o maior evento eclesial do continente no mesmo século. A Conferência se desenvolve segundo o espírito do Concílio Vaticano II com toda a sua vitalidade pastoral e social. Os temas do Concílio acerca de Deus, do homem e da Igreja foram latino-americanizados em Medellín.

Realizada há mais de cinquenta anos, a Conferência de Medellín foi um marco histórico para o Catolicismo e, por conseguinte, para o Cristianismo do subcontinente. Porém, a Conferência do CELAM de 1968 não deve ser lida como parte de um passado distante, mas sempre atualizada pela sua relevância para a reflexão teológico-pastoral da Igreja.

Sobre a relação de Dom Paulo Evaristo Arns com a Conferência de Medellín é preciso considerar que ele não participou diretamente desta Conferência, tampouco a comentou exaustivamente ou se deteve em refletir formalmente sobre o texto final. Contudo, com toda certeza, a Igreja de Medellín reverberou fortemente na ação pastoral de Dom Paulo Evaristo Arns frente à Arquidiocese de São Paulo. Soube, em seu ministério, situar a presença da Igreja à luz do Concílio Vaticano II e atualizada na Conferência de Medellín.

O episcopado de Dom Paulo Evaristo Arns está em clara continuidade com o Concílio Vaticano II e com as conclusões de Medellín. A eclesiologia que Dom Paulo propiciou à Arquidiocese de São Paulo era ministerial, dialogal, missionária e participativa. Ademais, ele deixou-se seduzir pela proposta da eclesiologia dessa Conferência latino-americana no que tange à opção preferencial pelos pobres, a opção pelas Comunidades Eclesiais de Base, o exercício da colegialidade episcopal, a pastoral nas periferias e o combate à injustiça institucionalizada. Desse modo, Dom Paulo encarnou o modelo de Igreja Ministerial de Medellín. Para a tão desejada efetivação da renovação ministerial, repetimos o que Dom Paulo costumava dizer: “Coragem!”.

8. Referências

ALBERIGO, Giuseppe. **Breve história do Concílio Vaticano II**. Aparecida: Editora Santuário, 2006.

ALMEIDA, Antônio José de. **Os ministérios não ordenados na América Latina**. São Paulo: Loyola, 1989.

ALTEMEYER JR., Fernando. Pequenos grandes detalhes da II Conferência Geral do Episcopado em Medellín. **Rever**, v. 18, n. 2, mai/ago 2018.

ARNS, Dom Paulo Evaristo. **Da Esperança à Utopia: Testemunho de uma vida**. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

ARNS, Dom Paulo Evaristo. **Os Ministérios na Igreja**. São Paulo: Ed. Salesiana dom Bosco, 1980.

BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil: de João XXIII a João Paulo II, de Medellín a Santo Domingo**. Petrópolis: Vozes, 1994.

BOFF, Clodovis M. **A originalidade histórica de Medellín**. Disponível em: <<http://servicioskoinonia.org/relat/203p.htm>>. Acesso em: 21 mai. 2022 (10h18)

COMBLIN, José. Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois. **Cadernos de Teologia Pública**, São Leopoldo, ano 5, v. 36, 2008.

COMPÊNDIO DO VATICANO II. Mensagens, discursos, documentos. São Paulo: Paulinas, 2007.

FERREIRA, Reuberson Rodrigues. **Medellín e Puebla: continuidade e descontinuidade nas orientações sobre o uso da Bíblia**. 2018. 178 f. Dissertação (Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

GODOY, Manoel. Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano. In: SANCHEZ, Wagner Lopes; PASSOS, João Décio (orgs.). **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus; Paulinas, 2015. p. 209-217.

MANZATTO, Antônio. **As primeiras Conferências do CELAM**. Disponível em: <<https://www.vidapastoral.com.br/artigos/documentos-e-concilios/as-primeiras-conferencias-do-celam/>>. Acesso em 20 mai. 2022.

OLIVEIRA, Cláudio de. **Operação periferia: um estudo sobre a operação periferia na Arquidiocese de São Paulo (1970-1980), perspectivas para a missão na cidade**. 2008. Dissertação de Mestrado; São Paulo: PFTNSA, 2008. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=116772> Acesso em 03 jun. 2022.

PARRA, Alberto. **Os ministérios na Igreja dos pobres**. Petrópolis: Vozes, 1991.

SUESS, Paulo. Medellín: os sinais dos tempos. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 58, fasc. 232, dez. 1998, p. 851-870.

WANDERLEY, Luiz Eduardo. Desafios da Igreja Católica e política no Brasil. In: INSTITUTO NACIONAL DE PASTORAL (org.). **Presença pública da Igreja no Brasil (1952-2002)**. São Paulo: Paulinas, 2003.

Revista da APG

Associação de Pós-Graduandos da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

DATA DE SUBMISSÃO: 2022-09-20

DATA DE APROVAÇÃO: 2022-12-16



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-
NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacion